

## A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL ESCOLAR

**Maria Aparecida Viggiani Bicudo**

Universidade Estadual Paulista

"Campus" de Rio Claro

A Orientação Educacional, como o próprio nome indica, significa uma orientação que se pretende imprimir na trajetória do acontecer do projeto educacional da vida da pessoa.

Para que essa afirmativa fique clara é preciso que se entenda o próprio significado da Educação. Na tentativa de compreender esse fenômeno, abordar-se-á Educação e Cultura enfocando-se, primordialmente, a relação entre ambas. Como parte constitutiva dessa relação aparecem o **fazer humano, o seu produto, a sua transmissão.**

O fazer do homem, ou seja, a sua praxis, é uma atividade geradora. Gera sempre alguma modificação. O ser humano, ao defrontar com problemas, procura resolvê-los. Essa solução é dada através da sua ação a qual, uma vez efetuada, apresenta-se, como conseqüência, uma mudança. Quando a resposta ao problema percebido pelo ser humano se volta para o exterior, ela se objetiva e apresenta-se como algo por ele criado. Possui, portanto, características peculiares a ele e perpetua-se através da sua linguagem, que é o seu meio de expressão. Essa Linguagem pode assumir diferentes conotações e apresentar-se como falada, escrita, científica, religiosa, mitológica, artística. Uma vez perpetuada, a sua ação permanece como algo material, ou seja, como um produto pronto para ser usado por aqueles que o entenderem e que dele queiram lançar mão. Permanecerá, assim, como parte do mundo<sup>1</sup> no qual o homem vive e no qual virá a perceber novas situações. Deste modo, o produto do próprio fazer humano — que é o que se denomina Cultura — atinge o ser da pessoa e, num movimento dialético, tem-se uma inter-influência sem fim... homem-mundo-homem... A Cultura exerce, portanto, uma influência essencial sobre o ser do homem, a qual é manifestada de muitos modos, dentro os quais, a transmissão de conhecimentos, que, por sua vez, não deixa de ser transmissão de cultura.

A atividade humana que transmite conhecimentos é a educadora. A Educação chega mesmo a ser definida, muitas vezes, como transmissora de conhecimentos. Nesse aspecto, Educação e Cultura se

aproximam, pois o homem se humaniza ao partilhar a Cultura do mundo no qual vive. Esse partilhar é viabilizado na medida em que conhecimentos concernentes ao seu contexto sócio-cultural lhe são transmitidos. Essa transmissão é feita, assim, via Educação.

Buscando-se uma resposta ontológica para o ser da Educação, pergunta-se: "o seu ser se esgotaria na transmissão de Cultura?" e "qual a essência do seu ser?". Embora um dos modos da Educação se revelar seja através da humanização do homem, transmitindo Cultura, ela não se esgota nesse ato. Isso porque essa humanização exige uma atividade interna realizada pelo próprio homem que se humaniza. Exige que ele atribua o significado àquilo que lhe foi transmitido e que possa vir a ampliar ou a reformular a sua compreensão sobre si e sobre o mundo que o cerca. Essa atividade interna, esse fazer que se volta sobre si próprio, também gera, portanto mudanças. Mudança no seu modo de entender as coisas e de ser.

Tem-se, assim,, que mundo e pessoa são inseparáveis, uma vez que ela é chamada a ser na medida em que é desafiada a agir ( transformar e transformar-se ) ao perceber a realidade do mesmo Mas, os horizontes de possibilidades do mundo que chegam a ela são infinitas Não se pode dizer, antecipadamente, o que irá chamar a sua atenção, pois isso depende da própria intenção que a move e que a faz perceber e interessar-se por certos aspectos do mundo no qual se encontra, e não por outros. Em princípio, todos os acontecimentos que ocorrem à volta da pessoa podem educá-la, pois podem vir a despertar o seu interesse ou vir ao encontro dele. É nesse sentido que se pode falar que o mundo educa.

Entretanto, esse ser "educação", que é tão simples quanto aceite enquanto transformação da pessoa mediante o seu próprio fazer o qual, por sua vez, é influenciado por ocorrências percebidas no mundo que a cerca, torna-se muito complexo quando se pretende, deliberadamente, orientá-lo. Isso porque tal orientação exige que aquele que pretende educar escolha o que julga importante para o acontecer do ser da outra pessoa. É nessa escolha que se encontra a grande dificuldade do educador. Perguntas como: "como educar da melhor forma?", "quem é esse ser que pretendo educar?", "tenho o direito de educar?", permeiam o seu caminho e lançam dúvidas sobre aquilo que faz, chegando mesmo a abalar a sua crença no valor da educação. Mas, também, são elas que dirigem o pensar do educador, indicando a direção do seu refletir e fazendo com que ele possa se tornar um ser consciente do seu fazer.

A Orientação Educacional aparece, essencialmente, como essa preocupação em auxiliar o acontecer da outra pessoa. Nesse sentido ela é muito abrangente, pois está sempre presente quando alguém,

deliberadamente, quer "educar" o outro. Assim, por exemplo, aparece na preocupação dos psicólogos, dos pais, dos psiquiatras, dos padres, dos professores ao tentarem educar as pessoas que estão sob o seu cuidado. Nessa afirmativa não está implícita a de que "sempre aquele que exerce a ação educadora está consciente daquilo que faz ao ser do outro". Mas, quando a profissão é ser educador, não se pode admitir que tal ação não seja consciente. O educador consciente enfrenta, no seu dia-a-dia, o peso da preocupação e a angústia gerada pelo risco da escolha do "melhor" para o ser do outro.

Assim, compreende-se porque, ao ser questionada a função da Orientação Educacional os especialistas concentram-se e ainda se concentram, na diferenciação do psicólogo e do orientador educacional. Para detectarem essa diferença, focalizam questões como o treinamento do profissional, o tipo de cliente com o qual trabalham, o local no qual desempenham suas funções, os objetivos almejados pelas suas ações. Não se detêm, porém, na essência da sua função e, assim, não percebem que há uma base do seu fazer a qual, também, é comum ao fazer do psiquiatra, do professor, do padre e dos pais. Essa base comum diz respeito à preocupação que têm para com o auxílio que possam prestar ao acontecer da outra pessoa. O que diferencia o fazer daquelas pessoas é a maneira de trabalhar, pois lidam com aspectos diferentes do ser da educação e posicionam-se de modo diverso frente à que procuram auxiliar.

Quando se quer conscientemente imprimir uma orientação à trajetória do projeto de vida de alguém, há uma linha diretriz subjacente a todas as escolhas referentes às ações intencionalmente educadoras, unificando-as e conferindo-lhes significado. Essa linha representa as razões que fundamentam as escolhas efetuadas e não se encontram à superfície do que é feito, sendo que muitas vezes pode se enfraquecer. Pode ocorrer que as atividades educadoras percam o seu significado, gerando dispersão de esforços. Para que isso não ocorra é preciso que haja um esforço consciente e contínuo do educador para captar aquela unidade, para entender o sentido do seu fazer cotidiano e para compreender o sentido da sua escolha.

O fazer do educador, por sua vez, está voltado para o acontecer do ser do educando, que continuamente se modifica e que se educa. Assim, para que o educando perceba o significado de si mesmo enquanto ser humano, precisa apreender a linha diretriz do seu próprio acontecer. E isso só é possível mediante um grande esforço no sentido de voltar-se sobre si mesmo e perceber aquilo que faz, que conhece, que sente, que valora. E o auxílio que o educador presta ao acontecer da pessoa do educando é ajudá-lo nesse auto-conhecimento.

Como esse auxílio é prestado? Esse é um tema aberto e que tem sido estudado pela Educação, Psiquiatria, Psicologia, Filosofia, Sociologia e Religião. Essa pergunta merece toda atenção, mas agora, aqui, ela não aparece como o enfoque primordial. Esse se centraliza no ser da Orientação Educacional Escolar. É dela que os parágrafos seguintes tratarão.

A Orientação Educacional Escolar se diferencia da Orientação Educacional na medida em que ela tem por objetivo a Orientação da Escola e não a da pessoa do estudante, diretamente. Assim, a escola é que é vista como uma entidade. Ao se fazer essa diferenciação, o ser da Orientação Educacional Escolar se esclarece. Ele aparece como o auxílio dado ao projeto educacional que ocorre na escola. Isso significa que o seu fazer se concretiza no auxílio que presta para que a equipe educadora aprenda a unidade das atividades realizadas por todos aqueles que têm a incumbência de educar. O seu fazer se efetua nas sínteses que auxilia aquela equipe a realizar e isso, no fluir da realidade escolar, atinge a própria pessoa do estudante. Quanto mais consciente for a equipe educadora a respeito daquilo que faz, a respeito do mundo — no qual trabalha, maior a possibilidade de auxiliar convenientemente o vir-a-ser do estudante.

Do que foi exposto, não se deve concluir que a Orientação Educacional Escolar não possa trabalhar diretamente com o estudante. Pode e tal trabalho deve ocorrer sempre que o estudante precisar refletir sobre o significado dos acontecimentos que o envolvem e que são relevantes para ele, pois assim pode vir a realizar sínteses a respeito das linhas mestras que dirigem o seu acontecer. Nisso a Orientação Educacional Escolar pode auxiliar, encontrando-se com o educando individualmente ou em conjunto com o seu grupo. A sua atenção está voltada, portanto, para a escola, para a unidade das suas atividades educadoras e para a unidade do ser do educando.

Para que o fazer da Orientação Educacional Escolar se esclareça é conveniente que se procure enfocá-lo no dia-a-dia da escola, abordando alguns aspectos dessa realidade que são básicos e que exigem reflexão, entendimento e apreensão do seu significado.

Na escola encontram-se, pelo menos, os professores, os estudantes, a administração e a direção que podem ser vistos como setores da realidade considerada. Cada setor permanece na sua esfera de ação e interliga-se aos outros em certos momentos. Todos, em princípio, estão voltados para o estudante, pois ele seria o elemento mais importante da escola, desde que ela existe por ele e para ele. Mas já num primeiro olhar, pode-se perceber possíveis discrepâncias entre aqueles setores quanto ao modo de ver o estudo e às suas necessidades.

Assim, o setor da direção fica entre os reclamos dos professores, dos alunos e da administração. A administração, pela sua própria função, necessita organizar e pôr em funcionamento a instituição escolar, observando as leis que regulamentam suas atividades. De um modo geral, a sua tendência é fazer valer a lei, ou seja, tende a vê-la como apontando um fim para as atividades educadoras. Pode-se imaginar o que essa atitude

acarreta em termos de desentendimentos e de frustrações, quando se considera a realidade viva e palpitante dos professores e estudantes. Mas esses, quando vistos cada um como um setor separado, apresentam suas próprias necessidades, expectativas, objetivos, modo de encarar o mundo. Os professores, por exemplo, são profissionais adultos que ali estão para participar do evento "educação", também transmitindo conhecimentos concernentes a uma área específica do saber humano. Considerados sob esse prisma, apresentam suas dúvidas quanto ao que fazem e ao que ensinam e sofrem pressões relativas às suas necessidades materiais geradas pelas condições sócio-econômicas da sua classe enquanto trabalhadores. Por outro lado, há os alunos que ali aparecem com uma realidade viva, transbordantes de energia, plenos de expectativas, de esperança, horizontes abertos de possibilidades. Entre essas forças, que em certos momentos aparecem como antagônicas, em outros, como convergentes, está a direção que necessita ouvir a todos. Precisa ouvir a lei, para que a instituição se mantenha e precisa, também, e principalmente, ouvir e entender as exigências e necessidades dos professores e alunos.

Ao se pensar nessa realidade já se pode perceber que um entrosamento harmonioso entre, pelo menos, aqueles setores não é fácil e torna-se ainda mais difícil quando se considera a influência que a família e a sociedade ( com sua ideologia, orientação política, sistema econômico, estrutura social ) exercem sobre a mesma.

É nesse contexto de várias influências e tendências que o ser da Orientação Educacional Escolar se revela ao tentar auxiliar a unificação das mesmas. Se não houver um esforço consciente para captar as características essenciais das atividades que são desenvolvidas na escola e apreender aquelas que podem ajudar o acontecer do estudante, há possibilidade de haver dispersão no fazer dos vários setores escolares e, com isso, de ser perdido o sentido da ação educadora.

A Orientação Educacional Escolar pode contribuir para que haja harmonia na realidade da escola e para que a linha diretriz das atividades aí desenvolvidas seja captada. Para tanto, deve se propor a auxiliar aqueles que agem nessa realidade a pensarem sobre o seu fazer, na tentativa de compreenderem o significado do mesmo. Isso não quer dizer que ela já tenha, aprioristicamente, claro, para si, tal significado. Não, pois esse se revela na concretidade da situação presente. À Orientação Educacional Escolar compete chamar a equipe educadora para, juntamente com ela, pensar o sentido da sua ação. São momentos importantes de reflexão, de ponderação, de transmissão de conhecimentos, de troca de informações que permitem uma visão de conjunto e que tornam possível a transcendência da situação concreta imediata. Tornam viável o avançar no caminho do entendimento do fazer do educador e conferem a amplitude ética que lhe é própria.

As questões a serem discutidas e estudadas nesses encontros são inúmeras uma vez que surgem no cotidiano da vida escolar. Entretanto, algumas delas talvez possam ser apontadas aqui, pois aparecem estar sempre presentes àquela realidade, mostrando-se como fundamentais para o fazer do educador.

Dentre elas encontram-se a questão concernente à intenção de educar. O entendimento do significado dessa intenção traz à consciência daqueles que trabalham na escola, a responsabilidade que têm para com o acontecer do ser que educam. Quando isso fica claro, surge a vontade de entender a realidade daquele ser e de saber algo sobre ele. É nesse momento que estudos e discussões sobre o ser do homem, sobre o que é humano e o que afasta o homem da sua humanidade, são importantes. Eles lançam luz sobre o próprio fazer do professor, o qual se constitui em outra questão para ser tratada pela equipe educadora.

A compreensão que o professor possa vir a ter sobre o seu fazer é um dos dados mais importantes para a percepção clara que ele possa vir a ter sobre si próprio, enquanto professor. Tal compreensão depende de um pensar profundo sobre aquilo que faz o que, por sua vez, já é fruto de uma pré-ocupação, ou seja, de uma preocupação prévia. Isso quer dizer que esse pensar é gerado pela não aceitação da situação tal como ela se apresenta, do dado, a qual, se manifesta através dos seus descontentamentos, das suas frustrações, dúvidas, da vontade que tem de acertar, do comprometimento que sente em relação àquilo que faz, da responsabilidade que assume para com a aprendizagem e para com a vida do aluno. Essa compreensão exige abertura daquele que procura entender. Para tanto, é preciso, uma vez mais, que o cotidiano do seu fazer seja enfocado e estudado por ele e por seus colegas com a intenção de esclarecer o que permanece constante, invariável, e que pode ser entendido como visando, essencialmente, à educação do estudante.

É preciso que o professor perceba as possibilidades que possui no que concerne ao auxílio que pode prestar ao acontecer do estudante. Dentro da escola, é ele que tem a oportunidade de influenciar o aluno, de modo marcante, pois é ele que no cotidiano trabalha diretamente com o mesmo. Assim, polariza as ansiedades, as angústias, as expectativas do estudante, bem como, convive com a sua alegria, o seu sentimento de realização, as suas esperanças, os seus sonhos e percebe as suas dificuldades. É ele que se encontra na situação de avaliá-lo e de auxiliá-lo na compreensão do conteúdo da disciplina que ensina e no modo que ele se vê e age.

Outra questão que parece significativa para a compreensão do professor sobre o ato de ensinar diz respeito à importância que a disciplina que leciona tem para o conhecimento humano em geral e para a sua cultura em particular. É essa importância que justifica a presença da

disciplina no currículo escolar. Assim, ao discuti-la, estará esclarecendo, ao mesmo tempo, a expressão do fazer do homem ao gerar conhecimento e a conexão dessa área específica do saber humano com as demais. Ao discutir o sentido do conteúdo da sua disciplina, quer seja com os outros professores que também a ensinam, ou com os professores das demais disciplinas do currículo escolar, tem a oportunidade de sair do círculo estreito das suas percepções e compreensões individuais e alcançar a amplitude das percepções conseguidas pela sua comunidade que luta no mesmo sentido que ele. Essas discussões são muito ricas. Com elas podem ser obtidos novos "insights" e aprofundando o entendimento daquilo que se conhece e que se faz. Elas tornam viáveis as ligações inter-disciplinares e, com isso, enriquecem-se as atividades desenvolvidas com os alunos.

Para que a intenção educadora seja trazida ao nível da consciência dos educadores, é preciso, também, que eles reflitam sobre a influência que a sociedade, em geral, e as famílias, em particular, exercem sobre o estudante. As expectativas das famílias não podem ser deixadas de lado, pois elas fluem nos valores dos alunos, mostrando-se no modo que eles valorizam a escola, os professores, as profissões e a si mesmos. Assim, para que a percepção do professor sobre o seu fazer aumente, é importante que aquelas expectativas sejam analisadas no contexto concreto. Isso requer um estudo do meio sócio-cultural que circunda a escola.

Também devem ser enfocadas as ideologias que fluem na sociedade e que atingem a escola, mascarando as suas atividades. As ideologias que subjazem às leis que regulamentam as ações da escola, precisam ser detectadas e entendidas, bem como os componentes políticos e econômicos que envolvem as mesmas.

O trabalho do orientador Educacional Escolar é árduo, demorado e necessário à própria atividade educadora do professor. Tal trabalho exige intenção, esforço, abertura de toda a equipe que tem por finalidade educar. Mas, exige que a escola dê condições para que ele seja efetuado. O mínimo que esse trabalho exige para poder começar, além da disponibilidade psicológica dos membros daquela equipe, é de um espaço. Espaço esse constituído por um lugar concreto onde os educadores possam se reunir e de um tempo específico em que o encontro possa ocorrer e as discussões possam se efetuar.

A Orientação Educacional Escolar poderá auxiliar a efetivação daqueles encontros, coordená-los, fornecer informações, detectar as várias tendências presentes na escola, perceber os seus pontos básicos e trazê-los para a equipe estudar. Essas discussões possibilitam a ocorrência de **momentos de síntese**, quando a unidade das atividades educadoras é captada e percebida de modo claro.

Essa mesma atividade que realiza com a equipe educadora é sua função, também, realizar com os estudantes. E isso poderá ser efetuado ao captar os acontecimentos escolares significativos para eles que exigem compreensão. Para tanto, poderá coordenar encontros, fornecer informações, ampliar o horizonte de possibilidades do aluno, auxiliar a percepção do que é importante para ele. O fazer da Orientação Educacional Escolar aparece, nesse sentido, como o auxílio prestado ao estudante nos momentos em que elabora uma síntese concernente aos aspectos mais significativos da sua vida e que percebe a unidade dos mesmos.

Os momentos de síntese, vividos tanto pela equipe educadora como pelos estudantes, conferem significado à ação educadora e constituem-se no objetivo central da Orientação Educacional Escolar.

### BIBLIOGRAFIA

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani — **Fundamentos Teóricos da Orientação Educacional**. São Paulo. Saraiva Editores, 1978.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani — **Fundamentos Éticos da Educação**. São Paulo. Editores Associados e Cortez, 1982.

BEAUVOIR, Simone de — **Moral da Ambiguidade**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1970.

MARTINS, Joel e BICUDO, Maria Aparecida Viggiani — **Três Estudos sobre Fenomenologia, Existencialismo e Educação**. São Paulo. Moraes Editor ( no prelo ).